



Resumo da história de Loriga

Gentílico:Loricense ou Loriguense

Distrito:Guarda

Área:36,52 km²

Densidade:37,51 hab./km² (2005)

Orago:Santa Maria Maior

Código postal:6270

Loriga é uma vila e freguesia portuguesa do distrito da

Guarda.

Breve história

Fundada originalmente no alto de uma colina entre ribeiras onde hoje existe o centro histórico da vila, o seu nome primitivo, anterior à chegada dos romanos era Lobriga. O local foi escolhido há mais de dois mil e seiscentos anos, devido à facilidade de defesa (uma colina entre ribeiras), à abundância de água e de pastos, bem como ao facto de as terras mais baixas providenciarem alguma caça e condições mínimas para a prática da agricultura. Desta forma estavam garantidas as condições mínimas de sobrevivência para uma população e povoação com alguma importância. O nome veio da localização estratégica da povoação, do seu protagonismo e dos seus habitantes

nos Hermínios (actual

Serra da Estrela) na resistência lusitana, o que levou os romanos a

porem-lhe o

nome de Lorica (antiga couraça guerreira). Os Hermínius eram o coração e a

maior

fortaleza da Lusitânia. É um facto que os romanos lhe deram o nome de

Lorica,

nome de couraça guerreira, e deste nome derivou Loriga (designação iniciada

pelos Visigodos) e que tem o mesmo significado. É um caso raro, em Portugal,

de

um nome bi-milenar, um dos factos que justificam que a couraça seja a peça

central e principal do brasão histórico da vila. É um nome muito antigo e de

grande valor histórico para a vila.

Situada na parte Sudoeste da Serra da Estrela, a sua beleza paisagística é o

principal atractivo de referência. Os socalcos e sua

complexa rede de

irrigação

são um dos grandes ex-libris de Loriga, uma obra

gigantesca construída pelos

Loricenses ao longo de muitas centenas de anos e que transformou um vale

belo

mas rochoso, num vale fértil. É uma obra que ainda hoje marca a paisagem do

belíssimo Vale de Loriga, faz parte do património

histórico da vila e é

demonstrativa do génio dos Loricenses.

Em termos de património histórico, destacam-se também a ponte e a

estrada romanas (século I a.C.), uma sepultura

antropomórfica (século VI

a.C.),

a Igreja Matriz (século XIII, reconstruída), o

Pelourinho (século

XIII, reconstruído), o Bairro de São Ginês (São Gens) com origem anterior à

chegada dos romanos, a Rua de Viriato, o herói lusitano que a tradição local

e

diversos antigos documentos, encontram origens nesta antiquíssima povoação.

A

Rua da Oliveira, pela sua peculiaridade, situada na área mais antiga do

centro

histórico da vila, recorda algumas das características urbanas da época

medieval. A estrada romana e uma das duas pontes (a outra ruiu no século XVI

após uma grande cheia na Ribeira de S. Bento), com as quais os romanos

ligaram

Loriga, na Lusitânia, ao restante império romano, merecem destaque.

Também o Bairro de São Ginês (S. Gens) é um ex-libris de Loriga e nele

destaca-se a capela de Nossa Senhora do Carmo construída no local de uma

antiga

ermida visigótica precisamente dedicada àquele santo.

Quando os romanos

chegaram, a povoação estava dividida em dois núcleos: O maior, mais antigo e

principal, situava-se na área onde hoje existem a Igreja Matriz e parte da Rua de Viriato e estava fortificado com muralhas e paliçada. No local do actual Bairro de S.Ginês (S.Gens), existiam já algumas habitações encostadas ao promontório rochoso, em cima do qual os Visigodos construíram mais tarde uma ermida dedicada àquele santo. Loriga era uma paróquia pertencente à Vigararia do Padroado Real e a Igreja Matriz foi mandada construir em 1233 pelo rei D. Sancho II. Esta igreja, cujo orago era já o de Santa Maria Maior e que se mantém, foi construída no local de um outro antigo e pequeno templo, do qual foi aproveitada uma pedra com inscrições visigóticas, que está colocada na porta lateral virada para o adro. De estilo românico, com três naves, e traça exterior

lembrando a Sé Velha de

Coimbra, esta igreja foi destruída pelo sismo de 1755,

dela restando apenas

partes das paredes laterais.

O sismo de 1755 provocou enormes estragos na vila, tendo

arruinado também a

residência paroquial e aberto algumas fendas nas

robustas e espessas paredes

do

edifício da Câmara Municipal construído no século XIII.

Um emissário do

Marquês

de Pombal esteve em Loriga a avaliar os estragos mas, ao

contrário do que

aconteceu com a Covilhã (outra localidade serrana muito

afectada), não

chegou do

governo de Lisboa qualquer auxílio.

Loriga é uma vila industrial (têxtil) desde o início do

século XIX, chegou a

ser

uma das localidades mais industrializadas da Beira

Interior, e a actual sede

de

concelho só conseguiu suplantá-la quase em meados do século XX. Tempos houve em que, só Covilhã ultrapassava Loriga em número de empresas. Nomes de empresas, tais como; Regato, Redondinha, Fonte dos Amores, Tapadas, Fândega, Leitão & Irmãos, Augusto Luis Mendes, Lamas, Nunes Brito, Moura Cabral, Lorimalhas, etc, fazem parte da rica história industrial desta vila. A principal e maior avenida de Loriga tem o nome de Augusto Luís Mendes, o mais destacado dos antigos industriais Loricenses. Apesar de, por exemplo, dos maus acessos que se resumiam à velhinha estrada romana de Lorica com dois mil anos, o facto é que os Loricenses transformaram Loriga numa vila industrial progressiva, o que confirma

o seu génio. Mas, Loriga acabou por ser derrotada por um inimigo político e administrativo, local e nacional, contra o qual teve que lutar desde o século XIX.

A história da vila de Loriga é, aliás, um exemplo das consequências que os confrontos de uma guerra civil podem ter no futuro de uma localidade e de uma região. Loriga tinha a categoria de sede de concelho desde o século XII, tendo recebido forais em 1136 (João Rhânia, senhorio das Terras de Loriga durante cerca de duas décadas, no reinado de D.Afonso Henriques), 1249 (D.Afonso III), 1474 (D.Afonso V) e 1514 (D.Manuel I), mas, por ter apoiado os chamados Absolutistas contra os Liberais na guerra civil portuguesa, teve o castigo de deixar de ser sede de concelho em 1855. A conspiração

movida por desejos

expansionistas da localidade que beneficiou com o facto,

precipitou os

acontecimentos. Tratou-se de um grave erro político e

administrativo, como

aliás

tem vindo a confirmar-se.

Foi no mínimo um caso de injusta vingança política, numa

época em que não

existia democracia e reinavam o compadrio e a corrupção

e assim, começou o

declínio de toda a Região de Loriga (antigo concelho de

Loriga). Se nada de

verdadeiramente eficaz for feito, começando pela vila de

Loriga, esta região

estará desertificada dentro de poucas décadas, o que,

tal como em relação a

outras relevantes terras históricas do interior do país,

será concerteza

considerado como uma vergonha nacional. Confirmaria

também a óbvia

existência de

graves e sucessivos erros nas políticas de coesão,

administração e

ordenamento
do território. Para evitar tal situação, vergonhosa para
o país, é
necessário no
mínimo por em prática o que já é reconhecido no papel:
Desenvolver a vila de

Loriga, polo e centro da região.
A área onde existem as actuais freguesias de Alvoco da
Serra, Cabeça, Sazes
da
Beira, Teixeira, Valezim, Vide, e as mais de trinta
povoações anexas,
pertenceu
ao Município Loricense. A vila de Loriga situa-se a
vinte quilómetros da
actual
sede de concelho e algumas freguesias da sua região,
situam-se a uma
distância
muito maior.
A Região de Loriga, área do antigo Município Loricense,
constitui também a
Associação de Freguesias da Serra da Estrela, com sede
na vila de Loriga.

Loriga e a sua região possuem enormes potencialidades turísticas e as únicas

pistas e estância de esqui existentes em Portugal, estão localizadas na área da freguesia da vila de Loriga.

A rua da Oliveira é uma rua situada no centro histórico da vila.

A sua escadaria tem cerca de 100 degraus em granito, o que lhe dá características peculiares. Esta rua recorda muitas das características urbanas medievais do centro histórico da vila de Loriga.

O bairro de São Ginês é um bairro do centro histórico de Loriga cujas características o tornam num dos bairros mais conhecidos e típicos da vila.

As melhores festas de São João eram feitas aqui. Curioso é o facto de este bairro do centro histórico da vila dever o nome a São Gens, um

santo de origem

céltica

matirizado em Arles, na Gália, no tempo do imperador

Diocleciano, orago de

uma

ermida visigótica situada na área. Com o passar dos

séculos os loricenses

mudaram o nome do santo para S.Ginês, talvez por ser

mais fácil de

pronunciar.

Este núcleo da povoação, que já esteve separado do

principal e mais antigo,

situado mais abaixo, é anterior à chegada dos romanos.

Loriga celebrou acordo de gemação com:

A vila, actual cidade de Sacavém, no concelho de

Loures, em 1 de Junho de

1996.

Outro resumo da verdadeira história de Loriga

Loriga

Fundada originalmente no alto de uma colina entre

ribeiras onde hoje existe

o

centro histórico da vila, o seu nome primitivo, anterior

à chegada dos

romanos, era Lobriga. O local foi escolhido há mais de

dois mil e seiscentos

anos, devido à facilidade de defesa (uma colina entre

ribeiras), à abundância

de

água e de pastos, bem como ao facto de as terras mais

baixas

providenciarem

alguma caça, e condições mínimas para a prática da

agricultura. Desta forma

estava garantido o sustento a uma comunidade constituída

fundamentalmente

por

pastores e agricultores, que fizeram parte de uma das

tribos mais aguerridas

da

Lusitânia.

O nome veio, da localização estratégica da povoação, do

seu protagonismo e dos

seus habitantes, nos Hermínios (actual Serra da Estrela)

na resistência

lusitana,

o que levou os romanos a poremlhe o nome de Lorica

(antiga couraça

guerreira). Os Hermínius eram o coração e a maior

fortaleza da Lusitânia. É

um

facto que os romanos lhe deram o nome de Lorica, nome de

couraça guerreira, e

deste nome derivou Loriga (designação iniciada pelos

Visigodos), e que tem o

mesmo significado. É um caso raro, em Portugal, de um

nome bimilenar, facto

que

justifica que a couraça seja a peça central e principal

do brasão histórico

da

vila.

Situada na parte Sudoeste da Serra da Estrela, a sua

beleza paisagística é o

principal atractivo de referência. Os socalcos e sua

complexa rede de

irrigação

são um dos grandes ex-libris de Loriga, uma obra
gigantesca construída pelos

Loricenses ao longo de muitas centenas de anos e que
transformou um vale

belo,

mas rochoso, num vale fértil.

Em termos de património, destacam-se a ponte e a estrada
romanas (século I

a.C.), uma sepultura antropomórfica (século VI a.C.), a

Igreja Matriz

(século

XIII, reconstruída), o Pelourinho (século

XIII, reconstruído), o Bairro de

São

Ginês (São Gens) com origem anterior à chegada dos

romanos, a Rua de

Viriato, o

herói lusitano que a tradição local, e diversos antigos

documentos, encontram

origens nesta antiquíssima povoação. A Rua da Oliveira,

pela sua

peculiaridade, situada na área mais antiga do centro

histórico da

vila, recorda

algumas das características da época medieval. A estrada romana e uma das duas pontes (a outra ruíu no século XVI após uma grande cheia na Ribeira de S. Bento), com as quais os romanos ligaram Loriga ao restante império, merecem destaque. A estrada romana ligava Loriga a Egitânia (Idanha-a-Velha), Talabara (Alpedrinha), Sellium (Tomar), Scallabis (Santarém), Olisipo (Lisboa) e a Longóbriga (Longroiva), Verurium (Viseu), Balatucellum (Bobadela), Conímbriga (Condeixa-a-Velha) e Aemínium (Coimbra). Também o Bairro de São Ginês (S. Gens) é um ex-libris de Loriga, e nele destaca-se a capela de Nossa Senhora do Carmo construída no local de uma antiga ermida visigótica precisamente dedicada àquele santo. Quando os romanos chegaram, a povoação estava dividida em dois núcleos: O maior, mais antigo e principal, situava-se na área onde hoje existem a Igreja

Matriz e parte da

Rua

de Viriato, e estava fortificado com muralhas e paliçada. No local do actual

Bairro de S.Ginês (S.Gens), existiam já algumas habitações encostadas ao promontório rochoso, em cima do qual os Visigodos construíram mais tarde uma

ermida dedicada àquele santo.

Loriga era uma paróquia pertencente à Vigariaria do Padroado Real e a Igreja

Matriz foi mandada construir em 1233 pelo rei D. Sancho

II. Esta igreja,

cujo

orago era já o de Santa Maria Maior, e que se mantém, foi construída no local

de

um outro antigo e pequeno templo, do qual foi aproveitada uma pedra com

inscrições visigóticas, que está colocada na porta lateral virada para o

adro.

De estilo românico, com três naves, e traça exterior

lembrando a Sé Velha de

Coimbra, esta igreja foi destruída pelo sismo de 1755,

dela restando apenas

partes das paredes laterais.

O sismo de 1755 provocou enormes estragos na vila, tendo

arruinado também a

residência paroquial e aberto algumas fendas nas

robustas e espessas paredes

do

edifício da Câmara Municipal construído no século XIII.

Um emissário do

Marquês

de Pombal esteve em Loriga a avaliar os estragos mas, ao

contrário do que

aconteceu com a Covilhã (outra localidade serrana muito

afectada), não

chegou de

Lisboa qualquer auxílio.

Loriga é uma vila industrial (têxtil) desde o início do

século XIX, chegou a

ser

uma das localidades mais industrializadas da Beira

Interior, e a actual sede

de

concelho só conseguiu suplantá-la quase em meados do século XX. Tempos houve em que, só Covilhã ultrapassava Loriga em número de empresas. Nomes de empresas, tais como; Regato, Redondinha, Fonte dos Amores, Tapadas, Fândega, Leitão & Irmãos, Augusto Luis Mendes, Lamas, Nunes Brito, Moura Cabral, Lorimalhas, etc, fazem parte da rica história industrial desta vila. A principal e maior avenida de Loriga tem o nome de Augusto Luís Mendes, o mais destacado dos antigos industriais loricenses. A história da vila de Loriga é, aliás, um exemplo das consequências que os confrontos de uma guerra civil podem ter no futuro de uma localidade e de uma região. Loriga tinha a categoria de sede de concelho desde o século XII, tendo

recebido forais em 1136 (João Rhânia, senhorio das Terras de Loriga durante cerca de duas décadas, no reinado de D.Afonso Henriques), 1249 (D.Afonso III), 1474 (D.Afonso V) e 1514 (D.Manuel I), mas, por ter apoiado os chamados Absolutistas contra os Liberais na guerra civil portuguesa, teve o castigo de deixar de ser sede de concelho em 1855. A conspiração movida por desejos expansionistas da localidade que beneficiou com o facto, precipitou os acontecimentos. Foi no mínimo um caso de injusta vingança política, numa época em que não existia democracia e reinavam o compadrio e a corrupção, e assim começou o declínio de toda a Região de Loriga (antigo concelho de Loriga). Se nada de verdadeiramente

eficaz for feito, começando pela vila de Loriga, esta região estará desertificada dentro de poucas décadas, o que, tal como em relação a outras relevantes terras históricas do interior do país, será com certeza considerado como uma vergonha nacional. Confirmaria também a existência de graves e sucessivos erros nas políticas de coesão, administração e ordenamento do território.

A área onde existem as actuais freguesias de Alvoco da Serra, Cabeça, Sazes da Beira, Teixeira, Valezim, Vide, e as mais de trinta povoações anexas, pertenceu ao Município Loricense. A vila de Loriga, situa-se a vinte quilómetros da actual sede de concelho, e algumas freguesias da sua região situam-se a uma distância muito maior.

A Região de Loriga, área do antigo Município

Loricense, constitui também a

**Associação de Freguesias da Serra da Estrela, com sede na
vila de Loriga.**

**Loriga e a sua região possuem enormes potencialidades
turísticas, e as únicas**

pistas e estância de esqui existentes em Portugal, estão

localizadas na área

da

freguesia da vila de Loriga.